

Com dois metros de altura, uma estátua de Shiva Nataraja, O Senhor da Dança, ocupa a entrada do CERN, Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*), em Geneva, templo máximo da ciência das partículas. Nada mais apropriado: a antiguidade de seu culto, perdida na história, permanece na busca contemporânea pela energia criadora. Shiva é Anadi¹, aquele que não tem passado. Sem começo e sem fim, dança, já que o tempo, *kalá*, é o princípio do movimento. Conta-se que as criaturas só emergiram da massa escura do oceano primordial porque Shiva engoliu *kālākūta*², o enigma do tempo, o que deixou a marca azul em sua garganta e a grande serpente enrolada ao redor de seu pescoço.

Shiva é paradoxo: dentre seus 1008 nomes, está *Bhairava*, O Terrível, que percorre os cemitérios e crematórios, ora em meditação profunda, ora no êxtase do *Tāndava*, a dança da transformação das formas. É Shiva *Sundarān*, O Belo, corpo coberto com a cinza prateada dos falecidos, adornado com seus crânios, a lua crescente na cabeleira vermelha. Beleza nada simples! Shiva *Shambhō*³, O Sereno, O Gentil, do alto do monte Kailāś, brande estrondosamente seu tambor, ritmo do tempo, e um tridente, *Trishula*, pronto para decepar cabeças. É o Ser transgressor de todo limite, o princípio da liberdade e da austeridade. Não se chega a ele sem passar pela perplexidade. Asceta extremo, desdenha os ritos e as purificações; chamado carinhosamente de O Louco (*Unmatta*), é o amor incendiário, que desconhece qualquer regra. Quando ri, anima todas as formas; quando chora, é *Rudra*, O Feroz, O Selvagem. Sim, Shiva contraria: entre os ascetas é libertino e entre os libertinos, asceta. Enquanto união de opostos, o poder inerente à sua existência, Shakti, é feminino e leva os nomes de Pārvati, Durgā, Gauri, e Kālī, “A Escura”, a mas temida. Sem Shakti, Shiva é *Shava*, o que não é; *shava*, “cadáver”. No entanto, o *Shiva Sutra* afirma: “No desaparecimento do ato de distinção está o estado de outra geração”⁴. Em função disso, Shiva/Shakti é fundamentalmente desejo: O poder de produzir é a própria experiência/desejo de existir. Como a serpente hermética que morde a própria cauda, Shiva-Shakti é simultaneamente o ponto e a circunferência, *linga* e *yonī* - ou ainda “*alife ba*”.

Na experiência humana, Shakti habita a base da coluna vertebral como energia indiferenciada, além do sentido de eu. Nesse caso chama-se *kundalini*, termo sânscrito que significa literalmente “enrolada” como uma serpente; energia circular, anelada, elipsoide como o *linga*. *Kunda* também se

¹ O termo sânscrito “*adi*” significa “início”; o prefixo “*an*” significa “sem”; *anadi* traduz-se literalmente por “sem princípio, sem início”. No contexto da filosofia yogue, *adi anadi* é representado pelo som OM, a vibração cósmica primordial e engloba igualmente tudo o que existe.

² *Halāhala* ou *kālākūta* literalmente: “matéria escura” ou “enigma do tempo”; é o nome do veneno, na mitologia Hindu, que se formou quando os Devas (deuses) e Asuras (demônios) agitaram o oceano primordial para buscar Amrita, o néctar da imortalidade.

³ O nome *Śambhu* ou *Šambho* deriva de *śawan*, “por si mesmo”, e *bhu*, “brilho”: aquele que brilha por si mesmo;

⁴ *The Shiva Sutra of Vasugupta*, tradução Gerard D. C. Kuiken, OTAM Books, 2017, p. 30.

relaciona com o sentido de “vaso d’água”, alquimicamente a fonte da vida⁵. Temos, pois, dois extremos indissociáveis: Shiva, ipseidade/consciência e Shakti, vida. Esse princípio, unificado, em termos cósmicos é chamado *Purna-Shakti*, e no aspecto biológico, *prana-shakti*. Outras vezes é chamado *kula-kundalini*. *Kula*, palavra que também se relaciona com *kālā*, tempo, tem o sentido de “grupo”, clã, ou ainda “unidade auto-contida”. Em termos pronominais, tanto é “eu” quanto “nós”, ele/ela, eles. Uma vez desperta, serpenteia coluna acima, atravessando os vários círculos ou mandalas da existência/consciência e quando atinge o topo da cabeça (*sahashara cakra*), é *akula*, unificada, enredada, *akula-Shiva*. Podemos entendê-la como a “singularidade” ou a ipseidade, o vínculo integrador dos vários níveis de presença e que, por isso mesmo, liberta ou concede *mokṣa*, transforma o “eu” em “si mesmo”, o limite ilimitado.

Esse aspecto libertador de *kula-kundalini* é Kali, a energia escura de Shiva, a deusa que dança sobre o corpo do amado. Kali também relaciona-se a *kāla/kālā*⁶, aquela que faz emergir a luz do aparecimento e aquela que aniquila as formas na medida em que as encontra, enlouquece o ego até destruí-lo. Enlouquecer aqui significa o rompimento da relação racional/irracional, transformação do eu-biológica e historicamente constituído no não-eu, realização ou individuação. Segundo Jung, em *Psicologia do Kundalini-Yoga*, “Individuação é tornar-se aquilo que não é o ego e isso é muito estranho. Assim, ninguém realmente entende o que o si mesmo é, pois o si mesmo é algo que você não é, que não é o ego”. (1996, p. 39).

Esses sentidos se resumem na imagem de *kundalini* como “fogo serpentino”, ou a brisa do Espírito Santo, que, do ponto de vista shivaista é o desejo que extravasa o sentido de si como movimento de emergência: *sat-chit-ananda*, existência, consciência, bem-aventurança. Desejo intrínseco ao próprio sentido de tempo, Shiva/Shakti é um modo de consciência sem objeto, pois o desejo, por sua própria definição, não se extingue com a união com seu objeto, não se fixa em uma forma e, portanto, não estabelece a dualidade sujeito-objeto. “*Shī*” significa, etimologicamente, “aquele em quem tudo vive”, aquele que permeia tudo, e “*va*” refere-se à “corporificação da graça”. Desejo e graça, uma única realidade manifesta em êxtase, *ananda*, bem aventurança. O êxtase, como o riso divino, é desejo, vazio de si, independente de conhecimento e atividade. É deste desejo

⁵ O conceito de *Kuṇḍalinī* é mencionado desde os Upanishads (século 9-7 BC), de acordo com Dale, Cyndi (2011). *Kundalini: Divine Energy, Divine Life*. Woodbury, Minnesota: Llewellyn Publications.

⁶ Essa associação de termos têm profunda implicação metafísica: *kāla* significa “escura”, “negra”, enquanto *kālā*, “tempo”, “destino”, relacionado ao deus Yama, ou o Senhor da Morte. Existem vários outros sentidos segundo interpretação das diversas escolas esotéricas ou seitas, como “fator de limite” - que entendemos como a singularidade de cada segundo ou segmento do tempo; “membrana”, com o sentido de “partícula” (espaço tempo) diminuta ou estado básico da matéria, além da “célula”/energia primordial que permanece no corpo do nascimento à morte.

que Shakti emerge em infinitas formas. Isso significa que quando Shiva ri, desperta Shakti e ri porque Shakti o desperta.

A risada de Shiva, chamada de *Attahasa*⁷, estrondosa, é apocalíptica, surge com o fim/ rompimento dos tempos. Essa risada, como desejo-graça, é simultaneamente desejo-riso, desejo/gozo e desejo-dádiva, como no dito do Profeta Muhammad, o *ḥadīṭ* da Misericórdia: “Nosso Senhor ri do desalento de Suas criaturas e da proximidade de suas mudanças de estado”. Relatado por Abu Razim, que afirma: “Perguntei ao Mensageiro de Deus: O Senhor ri? Ele respondeu: Sim. Então disse-lhe: ‘Não nos faltará bem algum de um Deus que ri’ ”⁸.

A graça, o engraçado, como a misericórdia, não tem uma forma definida, flui no esvaziamento das referências, necessita da quebra, da explosão, indiferente ao limite vida/morte, já que, de fato, a vida não possui um oposto. Rumi conta a estória de um amante cujo amado pede-lhe para remeter a Deus a raiz de seu amor. O amante começa a rir, rola no chão e morre de tanto rir! Seu amor era sua liberdade, sua singularidade.

Morrer de rir é a risada de Shiva. Na experiência comum implica na aniquilação, quando, por alguns momentos, não sabemos mais quem somos. Obra de *Kundalini*! A deusa serpenteia com sua boca aberta, nos engole em seu fogo tântrico, agita corpo, coração e alma. A gargalhada ecoa como algo estranho, quase alheio ao ego, e nos lança em uma abertura desconhecidamente íntima. Essa abertura, como o desejo e o humor, a ascensão de *Kundalini*, quebra a simetria eu-outro e nos coloca diante da incongruência. O riso de Shiva, portanto, emerge de um local não contagiado pelas distorções do ego, distinto das motivações do rir-se de algo ou alguém. Pode ser ouvido no interior do coração, ou ao longo do caminho de *kundalini*. Assustador a princípio, mas irresistível, como a presença do Senhor, um local onde não sabemos se vivemos ou morremos, sem que isso faça a menor diferença!

Lembremos que a palavra humor, do latim *umor*, umidade, líquido, fluído, refresca o fluxo criativo em uma nova perspectiva. Enquanto termo alquímico, desdobra-se em quatro fluídos, o sangue, a fleuma, a bile amarela (colérica) e a escura (melancólica), associados aos quatro elementos⁹ e aos quatro temperamentos, quente, frio, úmido e seco.

⁷ De acordo com o *Shiva Purana - Shasta Rudra Samhita* 5: Disse o Senhor Shiva: Na décima-segunda *Dwapara yuga*, quando Gautama torna-se *Vyasa*, Eu encarnarei como *Attahasa* (Riso estrondoso).

⁸ Relato de Abu Razin, tido como Sahih, autêntico, segundo Al-Suyuti. Fonte: Sunan Ibn Mājah 18.

⁹ Bile negra: relacionada com a terra, com as propriedades de secura e frio e caracteriza o temperamento melancólico; Bile amarela: relacionada com o fogo, com propriedades de secura e calor, caracteriza os coléricos; Sangue: relacionado com o ar, com qualidades de umidade e calor, alegria, paixão, sociabilidade; Fleuma: relacionada com a água, com qualidades de umidade e frio, reflexão, compromisso, tranquilidade.

Nessa perspectiva desenvolveu-se a teoria do desequilíbrio dos humores e seus tratamentos, que resultaram na medicina espagírica, por exemplo, e na homeopatia, conservando o princípio alquímico da transformação dos metais, da lapidação da pedra filosofal, da influência da lua, das estrelas, do sereno e do telúrico. De certo modo, a ciência e os nossos tempos referem-se aos humores quando descrevem hormônios, anticorpos, neurotransmissores, partículas e anti-partículas. Nesse sentido, o humor está associado à *prana-Shakti*, a energia vital enquanto presença biológica, e suas flutuações são entendidas como os dez *vayus* ou ares vitais¹⁰. O equilíbrio ou o fluxo estático destes humores depende de *yama* e *nyama*, preceitos éticos aplicados tanto ao convívio com os demais quanto no cuidado consigo mesmo, cuja observância é condição fundamental para a prática do Yoga. Entre os *yamas*, no relacionamento com todos os seres, estão: *ahimsā*, não-violência; *satya*, sinceridade; *asteya*, não-roubar (não-invejar); *brahmacharya*, castidade, pureza; *aparigraha*, não-acumular, ou não-egoísmo. Isso implica no cultivo de qualidades como paciência, perdão, gentileza, compaixão, sinceridade. Os *nyamas*, cuidados consigo mesmo, incluem: *saosha*, limpeza de corpo e mente; *santosha*, contentamento; *tapas*, disciplina; *svādhyāya*, estudo, introspecção; e *ishvarapranidhāna*, contemplação do divino.

O riso de Shiva - personificação do Yogue por excelência - ocorre a partir destas observâncias, que, em seu estado pleno constitui *Purna-Shakti*, o estado de união *linga-yoni*, e, portanto, água, o humor primordial da vida, expressão mais sincera de si mesmo tanto nas formas do mundo quando na abertura do incognoscível. A ascensão da deusa, normalmente devastadora, faz a grande maioria dos humanos experimentarem os infernos de suas próprias almas, tragarem o veneno de suas próprias ilusões. “Quando vês tua matéria/coisa tornar-se negra, rejubila-te, pois esse é o início do trabalho”, ensina o *Rosarium Philosophorum*. É o nigredo de Kali que dança sobre as cabeças, ferve a água primordial com seu fogo serpentino no *atanur* do corpo e aos poucos transmuta-o em albedo, cinzas esbranquiçadas, depois em citrinitas (xanthosis), o douramento da consciência lunar, até conduzi-lo ao rubedo, o vermelho resplandescente que ilumina a risada de Shiva.

A risada rubra de Shiva emerge como graça e misericórdia: liberta-nos da presunção e das vaidades do eu, mas também do sentido de que temos algo a cumprir, a carga que nos pesa nas costas, e podemos finalmente entregar tudo ao Senhor: o coração e os pulmões encontram o ritmo

¹⁰ *Prana vayu* - energia vital, respiração; regula as emoções e os estados mentais; *Apana vayu* - energia descendente, controla a expulsão da urina, fezes, e fluidos sexuais; *Udana vayu* - energia ascendente, controla a voz, a tireóide, hormônios do crescimento; *Samana vayu* - energia termal, controla a temperatura e o metabolismo; *Īyana vayu* - energia circulatória; *Naga*: controla a coceira, queimaduras e os fluxos ascendentes do estômago; *Kurma*: o espírito e secreções do nariz; *Krkara*: controla o piscar dos olhos; *Devadatta*: controla o bocejo; *Dhananjaya*: controla as contrações musculares;

espasmódico da vida livre. Sem esse humor, esse fluxo divino, nos encarceramos em uma prisão que nos oprime a cada dia um pouco mais.

Em certo sentido a ira, desejo urgente de libertação, e a sabedoria acompanham o riso. Conta-se que um dia Shiva chega em casa e encontra um menino que não o permite passar pela porta. Irado ao extremo, Shiva decepa-lhe a cabeça. Parvati, sua esposa, aos prantos, implora ao Senhor que devolva seu filho à vida. Shiva ordena a seus servos que busquem a cabeça; estes, não conseguindo encontrá-la, trazem a cabeça de um elefante. É assim que Shiva, a partir da ira, ri, satisfeito, com seu filho sábio! Ganesha! Em tempos de pandemia, quando nos vemos forçados a conviver aprisionados em nigredo, usamos nossas mais feias máscaras. Se ao menos tivéssemos a graça de nos disfarçarmos com uma cabeça de elefante! A graça que nos liberta de nós mesmos.

Essa graça me lembra Hodja Nasruddin, que, em certa ocasião ganhou um bom lote de sementes. Feliz da vida, diz à sua esposa: “Amanhã bem cedo vou sair para semear”. A esposa, mais cautelosa, responde: “*In sha’ Allāh*”. Nasruddin, cheio de si, retruca: “Não. Amanhã, de um modo ou de outro, vou sair para semear”.

No dia seguinte Mullah Nasruddin levanta-se e sai. A meio caminho, uma tempestade tremenda derruba-o de seu burro, espalha suas sementes e ele mal consegue retomar o caminho de casa. Ao chegar, bate à porta, aflito. Sua mulher pergunta: “Quem bate? Quem está aí?”. Nasruddin responde: “Hodja, *in sha’ Allāh*! Naquela tempestade estava o riso de Shiva.

Referências;

BERGSON, Henry. *O Riso. Ensaio sobre a Significação do Cômico*. RJ: Zahar Editores, 1940.

COOMARASWAMY, Ananda. *The Dance of Śiva*. New York. The Sunwise Turn, 1918.N

DANIÉLOU, Alain. *Shiva and The Primordial Tradition*. Vermont: Inner Tradition, 2003.

DUPUCHE John R. *Abhinavagupta. The Kula Ritual*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 2003.

JUNG, C. G. *Psicologia e Alquimia*. RJ: Vozes, 1990.

—. *The Psychology of Kundalini Yoga*. Princeton University Press, 1996.

KUIKEN, Gerard D.C. *The Shiva Sutra of Vasugupta: Sanskrit and English Translation*. OTAM Books, 2017.

WOODROFFE, John (Arthur Avalon). *Introduction to Tantra Shastra*. Paperback, 2012.

—. *The Great Liberation*. Madras: Ganesh & Co., 1958.

—. *Shakti and Shakta*. Madras: Ganesh & Co., 1919.

—. *The Serpent Power: The Secrets of Tantric and Shaktic Yoga*. New York: Dover Publications, 1974.